

## UM PROJETO PARA MACUNAÍMA EM DEPOIMENTOS DE MÁRIO DE ANDRADE

Leandro Gumboski<sup>4</sup>

Simone Cit<sup>5</sup>

Faculdade de Artes do Paraná

### RESUMO

Este artigo apresenta uma seleção de trechos de cartas e prefácios nos quais Mário de Andrade demonstra suas expectativas e intenções sobre a obra *Macunaíma* – o herói sem nenhum caráter, de sua autoria. Com apoio no referencial teórico do pensador russo Mikhail Bakhtin, especialmente em seu conceito de autor, procuramos trabalhar esses depoimentos, relacionando-os com a concretização da obra, demonstrando que *Macunaíma* conquistou alto nível de qualidade estética e superou desmedidamente o projeto literário do escritor.

**Palavras-chave:** *Macunaíma*; Mário de Andrade; literatura; identidade nacional; Bakhtin.

### CORPO DO ARTIGO

Mas a verdade é que eu fracassei. Se o livro é todo ele uma sátira, um não-conformismo revoltado sobre o que é, o que eu sinto e vejo que é o brasileiro, o aspecto “gozado” prevaleceu. É certo que eu fracassei. Porque não me satisfaz botar a culpa nos brasileiros, a culpa tem de ser minha, porque quem escreveu o livro fui eu. Veja no livrinho a introdução com que me saudaram! Pra esses moços, como pra os modernistas da minha geração, o *Macunaíma* é a “projeção lírica do sentimento brasileiro, é a alma do Brasil virgem e desconhecida!” Que virgem nada! Que desconhecida nada! Virgem, meu Deus! Será muito mais um cão de nazista! Eu fracassei. Mário de Andrade.

20

Esse trecho de uma carta escrita por Mário de Andrade a Álvaro Lins, em quatro de julho de 1942, retrata bem o nível de satisfação do autor, em um dado momento, com o resultado de *Macunaíma* – o herói sem nenhum caráter<sup>6</sup>. A obra, escrita ininterruptamente durante seis dias, em dezembro de 1926, teve algumas alterações feitas por Mário de Andrade até sua primeira publicação em 1928. Em uma carta a Alceu Amoroso Lima, escrita em dezenove de maio de 1928, o poeta paulista descreve

---

<sup>4</sup> Aluno do 4º ano do curso de Licenciatura em Música da Faculdade de Artes do Paraná. leandro.gumboski@gmail.com

<sup>5</sup> Professora da Faculdade de Artes do Paraná, Mestre em Estudos Literários pela UFPR e Doutoranda em Literatura na UFSC. simocit@gmail.com

<sup>6</sup> ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 32. ed., São Paulo: Villa Rica, 2004.

de forma mais detalhada seu trabalho em Macunaíma, desde a criação até a publicação da obra: “Seis dias e o livro estava completo. Só faz três meses mais ou menos, inda ajuntei mais uma cena. Mas poli e repoli tantas vezes que careci recopiar três vezes o original. Na verdade o que sai publicado é a quarta redação!” (HOLLANDA, 2002, p. 33)

Algumas das modificações feitas por Mário de Andrade, em determinados capítulos da obra em questão, se deram por conselhos de amigos como Manuel Bandeira. Além dessas alterações, Mário de Andrade escreveu dois prefácios, mas não publicou nenhum porque, como afirmou na carta a Alceu Amoroso Lima já citada acima, “ficavam enormes e inda não diziam bem o que eu queria. Além disso o segundo me pareceu bem pretensioso. Desisti.” (HOLLANDA, 2002, p. 33) Nesses prefácios, Mário de Andrade afirmava, entre outras coisas, ter utilizado o livro do etnólogo alemão Koch Grünberg, “Vom Roroima Zum Orinoco”, como fonte para criar Macunaíma.

Além da segunda edição do livro de Koch Grünberg, as obras Língua dos Caxinauás, de Capistrano de Abreu e O Selvagem de Couto de Magalhães contribuíram largamente como guias para Mário de Andrade. Foram lidas, estudadas e utilizadas, ainda, pelo poeta paulista: O Poranduba Amazonense, de Barbosa Rodrigues, que serviu como apoio para a estrutura geral dos capítulos; e o livro de Coutinho, que deu a transcrição da lenda de Tainacã. Ainda, mesmo que em menor grau, podemos citar as obras: Ao Som da Viola, de Gustavo Barroso; coletânea de Campos, comentada por Basílio de Magalhães no “Folclore”; e os Contos Populares de Sílvio Romero. (PROENÇA, 1978)

Como se pode ver, Mário de Andrade fez uma extensa pesquisa antes de redigir Macunaíma. Em cada obra estudada, ele fazia várias anotações nas margens, as quais servem como referência para que saibamos quais os escritos e os autores pesquisados por ele. (LOPEZ, 1974) Essa é basicamente a única fonte que temos para estudar as produções do poeta paulista, visto que depois de publicada a obra, o autor destruiu os originais.

Mas se Macunaíma apresenta características do povo brasileiro, se as fontes de pesquisa de Mário de Andrade foram várias obras que apresentavam estudos da

cultura popular do país, se o próprio autor realizou diversas viagens pelo Brasil a fim de entender como é, o que faz e o que pensa o brasileiro, podemos considerar o herói de Macunaíma como símbolo do povo brasileiro? Segundo Mário de Andrade, não. No entanto a própria obra, em alguns momentos, se faz passível dessa interpretação.

Os dois prefácios que escreveu para Macunaíma são fundamentais para a compreensão do projeto literário do poeta paulista. Observe-se, por exemplo, um trecho do primeiro prefácio escrito: “Macunaíma não é símbolo nem se tome os casos dele por enigmas ou fábulas. É um livro de férias; [...] um brinquedo. [...] Me diverti mostrando talvez tesouros em que ninguém não pensa mais.” (HOLLANDA, 2002, p. 13)

Outra informação fundamental para entendermos a visão de Mário de Andrade sobre Macunaíma, encontrada no segundo prefácio, é de que o herói extraído do livro de Koch Grünberg não é brasileiro, mas venezuelano. (LOPEZ, 1974, p.11) Como a publicação dos prefácios e da obra não se deu, inicialmente, nas mesmas edições, as primeiras interpretações não poderiam ser influenciadas pelo depoimento do autor. Observemos, por exemplo, que até hoje, mesmo depois de serem publicados os prefácios e várias cartas em que Mário de Andrade explica suas reais intenções ao escrever o livro, é muito frequente o entendimento sobre o herói da obra como símbolo do brasileiro. Portanto, o fato de o criador de Macunaíma evidenciar nos prefácios que o herói não deveria ser interpretado assim, não significa que o texto não tenha sido amplamente lido dessa forma.

Mário de Andrade observa em uma carta a Augusto Meyer, escrita em dezesseis de julho de 1928, uma questão que consideramos fundamental: “Mas se ele (Macunaíma) não é „o“ Brasileiro, ninguém não poderá negar que ele é „um“ brasileiro e bem brasileiro por sinal.” (HOLLANDA, 2002, p. 34) Nesse trecho, Mário demonstra que pensa ter criado um personagem que pode ser, sem dúvida alguma, um brasileiro em particular. No entanto, alguns de seus procedimentos literários – por exemplo, a desgeografização do país, que encurtou as distâncias e exibiu expressões de todas as regiões brasileiras no percurso do personagem Macunaíma – acabaram criando no “herói sem nenhum caráter” a possibilidade de sintetizar todos os brasileiros em um só.

Observamos ainda, para problematizar a questão anteriormente descrita, que o próprio Mário de Andrade, em anotações no primeiro prefácio, afirma que seu objetivo ao criar Macunaíma era conceber literariamente um “conceito étnico nacional e geográfico” (HOLLANDA, 2002, p. 18). Ou seja, o próprio autor apresenta contrastes em sua opinião quando comenta sobre seu projeto.

Pensamos que o principal objetivo de Mário de Andrade era apresentar o Brasil como entidade homogênea - étnica e geograficamente, mas sem tornar o herói símbolo do brasileiro. Em uma carta a Manuel Bandeira de sete de novembro de 1927, o poeta paulista explica essa questão a seu amigo que também interpretara o herói como símbolo do brasileiro. Nessa carta, Mário ressalta que “Macunaíma não é símbolo do brasileiro como Piaimã não é símbolo do italiano. Eles evocam „sem continuidade“ valores étnicos ou puramente circunstâncias da raça.” (HOLLANDA, 2002, p.43)

Para conhecer o Brasil como uma entidade homogênea, o autor criou a obra com uma escrita única, apresentando diversas características peculiares, todas elas com um porque em relação ao grande objetivo do autor. Acreditamos ser necessário citar algumas delas. Primeiramente, como já mencionamos, um dos grandes fatores da obra, ao qual Mário de Andrade manteve muita atenção, foi desrespeitar de forma totalmente proposital toda a fauna e flora brasileiras. “Assim desregionalizava o mais possível a criação, ao mesmo tempo que conseguia o mérito de conhecer literariamente o Brasil como entidade homogênea”. (HOLLANDA, 2002, p. 18) Os personagens também traçam roteiros improváveis, deslocando-se de um lugar geograficamente distante do outro como se estivessem lado a lado. Por exemplo, no capítulo XI – “A Velha Ceiuci”, em que o herói vai pescar no rio Tietê, e logo depois foge em um cavalo que tropeça perto de Manaus, passando em seguida por Mendoza, na Argentina. Ainda no mesmo capítulo, fugindo da Velha Ceiuci, Macunaíma “vai decifrando inscrições em rochedos, Aratanha, Cabelo-não-tem, Pedra Lavrada, Barra do Poti, Pajeu, Apertados de Inhamus”. (ANDRADE, 1926 apud PROENÇA, 1978, p. 181) Mais adiante, o herói transita perto de Natal, passa pelo planalto de Urucua e chegam ao Nordeste; desloca-se ainda, por Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Bahia, Pará e São Paulo. Outra grande característica encontrada na estrutura da obra de Mário de

Andrade é o vocabulário homogeneizado, o livro todo apresenta expressões e frases feitas cuja origem se localiza nas diversas regiões do Brasil.

Já o herói do livro é individualista, age em função do que quer e gosta, sem preocupações sociais. Entretanto, não podemos dizer que seja bom ou ruim, ele é na verdade “sem nenhum caráter”. E essa expressão possui um significado ambíguo: sem característica ou sem moral. As incaracterísticas são observadas no decorrer da história, pois o herói é múltiplo – ora mau, ora bom, ora corajoso, ora covarde, ora ingênuo. Já a ausência de moral, em um sentido ético, é observada nas aventuras de Macunaíma, quando mente e engana outros personagens da história. A dupla negação “sem nenhum” sugere uma ausência total de caráter, seja ele qual for (SANDRONI, 1988, p. 19)

A religiosidade do herói é sincrética, pois durante a história demonstra crença em várias religiões diferentes, que são encontradas pelo Brasil todo. Ainda sobre Macunaíma, podemos destacar o fato de ele nascer índio e preto e tornar-se branco no decorrer da história, homogeneizando ainda, as etnias brasileiras.

Como podemos ver, tudo no livro foi minuciosamente trabalhado por Mário de Andrade; até a “sensualidade cheirando a alguma pornografia” (HOLLANDA, 2002, p. 15) encontrada no livro, é justificada pelas lendas de primitivos em geral. Mas ele faz questão de ressaltar que Macunaíma, a obra, não é uma “expressão da cultura brasileira”, mas sim um “sintoma de cultura brasileira”. É uma obra artística. Explicamos: Macunaíma não deve ser visto como fonte para estudos científicos de folclore. Mário ressalta em anotações suas para o prefácio:

Fantasei quando queria e sobretudo quando carecia pra que a invenção permanecesse arte e não documentação seca de estudo. [...] Os meus livros podem ser resultado dos meus estudos porém ninguém não estude nos meus trabalhos de ficção, leva fubeca. (HOLLANDA, 2002, p. 31)

E acrescentamos, para explicar essa questão, o que Mário de Andrade escreveu em carta a Alceu Amoroso Lima, datada de dezenove de maio de 1928:

Pois diante de Macunaíma estou absolutamente incapaz de julgar qualquer coisa. Às vezes tenho a impressão de que é a única obra-de-arte, deveras artística, isto é, desinteressada que fiz na minha vida. No

geral meus atos e trabalhos são muito conscientes por demais pra serem artísticos. Macunaíma não. (HOLLANDA, 2002, p. 33)

Aqui observamos uma característica presente em todo pensamento de Mário de Andrade: uma obra, para ser realmente artística, deve ser desinteressada, não consciente. Ao passo que os estudos de Mário de Andrade, muitos deles análises e críticas de obras de arte, devem ser, e são, interessados, conscientes. Temos aqui, então, uma dualidade: interessada X desinteressada.

Carlos Sandroni destaca em seu livro *Mário contra Macunaíma* a oposição de Brasil X Europa que o poeta paulista fez não só em *Macunaíma*, mas em outros textos a partir da privação imputada sempre ao Brasil. (SANDRONI, 1988) O quadro, chamado por Sandroni de eixo das metáforas, vem escrito logo abaixo. Trazemo-lo ampliado, com todo o estudo que o autor fez de *Macunaíma* e outros escritos de Mário de Andrade, como o artigo “Cultura Musical”; “O Artista e o Artesão”; “A Elegia de Abril” e Ensaio sobre a Música Brasileira.

<b>BRASIL</b>	<b>EUROPA</b>
Ar	Terra
Lua	Sol
Nau	Porto
Desarvorada	Sossegado
Exterior	Subterrânea
Bonito	Beleza
Melodia Solista	Polifonia
Virtuosidade	Música de Conjunto
Individualismo	Solidariedade Coletiva
Proteção dos Capitalistas	Proteção Oficial
Toda Parte	Estado
Céus	Terra
Indivíduo	Humanidade
Gozo	Sufrimento
Velocidade	Lentidão
Intuição	Razão

Em Ensaio sobre a música brasileira observamos mais uma dualidade: música popular X música artística. Essa, diferente das demais, não opõe Brasil à Europa. Segundo Mário de Andrade, “o Brasil não possui canções populares, muito embora possua incontestavelmente música popular” (ANDRADE, 1972, p. 164). E acrescenta sobre essa questão que não temos melodias tradicionais, pois os poucos documentos

impressos que ficaram do século XVIII ou começo do século seguinte, “não estão mais na boca do povo” (ANDRADE, 1972, p. 164).

Podemos, então, determinar uma relação direta da dualidade popular X artística com a dualidade interessada X desinteressada. Citamos anteriormente que, para o poeta paulista, qualquer obra de arte deve ser desinteressada. Portanto, estabelecemos naturalmente uma relação das produções populares com o caráter interessado: a arte deve servir para algum fim específico, não para a simples fruição. Segundo Mário de Andrade: “Uma arte nacional já está feita na inconsciência do povo. O artista tem só que dar pros elementos já existentes uma transposição erudita que faça da música popular, música artística, isto é: imediatamente desinteressada.” (ANDRADE, 1972, p. 16) E acrescenta que: “toda arte socialmente primitiva que nem a nossa, é arte social, tribal, religiosa, comemorativa. [...] É interessada”. (ANDRADE, 1972, p. 18)

Ambas as obras do poeta paulista – Macunaíma e Ensaio sobre a música brasileira – foram produzidas na mesma época, dado que esse livro foi “escrevnhado em duas semanas” (HOLLANDA, 2002, p. 29), logo após àquele. No entanto, Macunaíma é uma obra atemporal, permanente, enquanto o Ensaio sobre a música brasileira é um manifesto datado. Portanto, lendo hoje Macunaíma, quase um século depois de sua produção, percebemos ser uma obra extremamente atual. Já o Ensaio sobre a música brasileira apresenta algumas questões que podem ser revistas e discutidas.

O “uso do primitivo” do qual nosso autor fala em Ensaio sobre a música brasileira, é para ele, de fundamental importância no processo de nacionalização do povo brasileiro. Processo pelo qual, segundo o autor, nosso país passava naquele momento. Mário explica:

[...] o critério de música brasileira pra atualidade deve de existir em relação à atualidade. [...] O critério histórico atual da Música Brasileira é o da manifestação musical que sendo feita por brasileiro ou indivíduo nacionalizado, reflete as características musicais da raça. (ANDRADE, 1972, p. 20)

Assim, entendemos que para Mário de Andrade não deve haver exclusão de nenhum elemento artístico que chegou até nosso país. Brasileiro não é apenas o

ameríndio, ou o africano ou ainda o europeu. Brasileiro não é, também, simplesmente um africano silvícola com características europeias. Brasileiro deve ser entendido a partir de uma identidade essencialmente nacional, uma etnia homogênea. E segundo o poeta paulista:

O que a gente deve mais é aproveitar todos os elementos que concorrem pra formação permanente da nossa musicalidade étnica. [...] O compositor brasileiro tem de se basear quer como documentação quer como inspiração no folclore. (ANDRADE, 1972, p. 29)

Mário de Andrade procurou seguir muitas de suas próprias regras ao produzir *Macunaíma*. Baseou-se no folclore e em tudo que é popularmente brasileiro. Fez uma transposição erudita do que colheu sobre o Brasil e o povo que aqui vive. Manteve as fantasias e as invenções para que sua obra continuasse artística. Contudo, nunca teve a intenção de tornar o herói, símbolo do brasileiro.

Se por um lado o personagem “sem nenhum caráter” é uma mistura homogênea das características do povo brasileiro, por outro, o herói não deve ser um exemplo a ser seguido, adotado como símbolo, segundo Mário de Andrade. Mas acabou se tornando; veja-se a cultura da malandragem e sua ligação com a identidade nacional, por exemplo. As características do malandro, que tanto aparecem no herói são, de fato, símbolos de brasilidade aderidos por número expressivo de intelectuais engajados na busca de nossa identidade nacional.

Assim, podemos pormenorizar que o objetivo de Mário de Andrade ao escrever *Macunaíma* era, além de descrever todo o Brasil como uma nação inteiramente homogênea, fazer uma grande crítica às questões acima relacionadas. Contudo, a obra acabou fugindo dos objetivos do autor, chegando a negar suas intenções.

Segundo Mikhail Bakhtin, o leitor ou ouvinte, “exerce influência crucial em todos os outros fatores da obra”. (BAKHTIN, apud TEZZA, 1996, p. 278) Por esse motivo não podemos deixar de considerar a importância dos leitores de *Macunaíma* na concretização da obra. Com base no conceito de autor presente no pensamento do Círculo de Bakhtin, procuraremos demonstrar de que forma essa concretização escapou das intenções de Mário de Andrade.

Começamos esclarecendo que o conceito de autoria em Bakhtin se dá segundo duas categorias singulares: o autor-pessoa se refere ao escritor, em nosso caso Mário de Andrade; o autor-criador é a “função estético-formal engendradora da obra”. (FARACO, 2005, p. 37) Ou seja, o autor-pessoa está localizado no plano da vida e o autor-criador no plano da obra. O autor-criador mantém uma posição externa em relação ao herói, dando-lhe o acabamento estético. Isso ocorre porque segundo o linguista russo, “a consciência do autor é uma consciência que engloba e acaba a consciência do herói e do seu mundo. O autor sabe mais que seu herói, e é esse excedente que lhe dá o princípio de acabamento da obra literária.” (TEZZA, 1996, p. 282) A esse princípio de que uma consciência está fora da outra, que percebe-a externamente, Bakhtin deu o nome de exotopia.

No processo de fazer-arte, o plano axiológico da realidade vivida é transposto para outro plano axiológico: o plano da obra. Assim, “é o autor-criador que realiza essa transposição de um plano de valores para outro plano de valores, organizando um novo mundo e sustentando essa nova unidade”. (FARACO, 2005, p. 39) Vemos o autor na obra, na sua estrutura, nas palavras, não mais como uma pessoa, mesmo sabendo que o livro foi escrito pelo autor-pessoa Mário de Andrade, que vivendo em uma sociedade, imprime na obra experiências da vida e da cognição; lendo e interpretando a obra em si, no entanto, é possível enxergarmos apenas o autor-criador.

É importante observar que embora tenhamos destacado a importância dos prefácios para a interpretação de Macunaíma conforme os objetivos de Mário de Andrade, para Bakhtin:

[...] não interessam os processos psicológicos envolvidos na criação ou o depoimento do autor-pessoa sobre seu processo criador, porque este não experiencia os processos psicológicos criativos como tais, apenas sua materialização na obra. (FARACO, 2005, p. 39)

Reafirmando a importância do expectador para uma obra de arte, sustentamos que para Bakhtin uma obra só se torna realmente artística a partir do momento em que esse expectador existe, ou seja, o leitor também faz parte do objeto estético.

Aqui, começamos a verificar a afirmação de Mário de Andrade na carta a Álvaro Lins, em quatro de julho de 1942, citada na epígrafe deste artigo: “[...] a culpa tem de

ser minha, porque quem escreveu o livro fui eu.” (HOLLANDA 2002, p.47) Para Bakhtin a posição axiológica do autor-criador guia a construção do objeto estético e direciona o olhar do leitor. Logo, se o contemplador de Macunaíma tende a enxergar no herói, uma síntese do brasileiro, um símbolo do povo que aqui vive, é também porque o autor-criador, ou a forma com que a obra foi construída, acabou direcionando a visão do apreciador dessa maneira. E o leitor, por qualquer motivo, correspondeu a essa direção, lendo o texto dessa forma.

Como já demonstramos ao longo desse artigo, Mário de Andrade percebeu que sua obra seguiu um rumo que não fora aquele pretendido em seu projeto inicial. Os depoimentos do autor sobre Macunaíma, escritos após a publicação da obra, asseveram sua satisfação, o abandono da obra pelo inevitável resultado obtido. Esse abandono aconteceu aos poucos, pois o poeta paulista, por vezes, demonstra sua vontade em tentar modificar o resultado de Macunaíma, desejando direcionar os leitores para os seus reais objetivos, como no depoimento que se segue, escrito em vinte e quatro de julho de 1943:

Francamente às vezes até me chateia, mais freqüentemente me assusta, a versidade de intençõesinhas, de subentendidos, de alusões, de símbolos que dispersei no livro. Talvez eu devesse escrever o livro, pelo menos ensaio, "Ao lado de Macunaíma", comentando tudo o que botei nele. Até sem querer! (HOLLANDA, 2002, p. 45)

29

Contudo, reafirmando nossa hipótese baseada em Bakhtin, esses depoimentos do autor-pessoa pouco contribuiriam para o direcionamento da visão do leitor, pois quem o faz é o autor-criador, presente na estrutura da obra. Além disso, para Bakhtin, o fenômeno interpretativo é de tal modo complexo que cada leitura é única, logo, Macunaíma continuaria a produzir inúmeras leituras, mesmo depois de várias explicações do autor-pessoa.

O próprio Mário de Andrade parece perceber, a certa altura, que depois de publicada a obra qualquer esforço seu em direcionar as leituras seria em vão. Seus escritos após o ano de 1928, sobre Macunaíma, demonstram bem a dimensão de sua insatisfação, de seu abandono em relação à obra, e muitas vezes até mesmo de arrependimento por tê-la escrito.

Comparando, assim, as expectativas do poeta paulistano antes de publicar a obra com seus depoimentos depois do resultado obtido, e analisando seus objetivos, observamos que realmente, em muitas circunstâncias, a obra negou suas intenções. Mário de Andrade já demonstrava perceber que *Macunaíma* poderia não dimanar no que ele esperava, pois considerava, por vezes, sua própria obra ruim em alguns aspectos, como ele mesmo explica em um dos prefácios: “O que reconheço é que muitas vezes publico uma coisa ruim em si, por outros valores que podem resultar dela.” (HOLLANDA, 2002, p. 23) Por fim, à revelia do firme propósito do autor em preservar o herói da função de símbolo, e contrariando a sua opinião sobre a qualidade da obra, *Macunaíma* foi e continua sendo um livro lido por muitos, interpretado de inúmeras formas e quase unanimemente consagrado como um dos maiores fenômenos da cultura brasileira produzidos no século XX.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. Ensaio sobre a música brasileira. 3. ed. São Paulo, Martins; Brasília, INL: 1972.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 32. ed., São Paulo: Villa Rica, 2004.

FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

HOLLANDA, Heloisa Helena Oliveira Buarque de. *Macunaíma: da literatura ao cinema*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Macunaíma: a margem e o texto*. São Paulo: HUCITEC, Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, 1974.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *Roteiro de Macunaíma*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

SANDRONI, Carlos. *Mário contra Macunaíma: cultura e política em Mário de Andrade*. São Paulo: Edições Vértice, 1988.

TEZZA, Cristóvão. Sobre o autor e o herói – um roteiro de leitura. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de (Orgs.). Diálogos com Bakhtin. Ed. da UFPR, 1996.